

EM DIREÇÃO AO CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL



Projeto Entre Museus aproxima crianças a 23 museus do centro e zona portuária do Rio de Janeiro



Innovation Day valoriza projetos de inovação social no país



Complexo Campo Largo começa a gerar energia



ENGIE Brasil Energia apresenta lucro de 8,6% no primeiro trimestre

SUMÁRIO

03 MENSAGEM DO PRESIDENTE

04 360º

- 04. ENGIE Brasil Energia apresenta resultados do trimestre | Boas notas nacionais e internacionais
- 05. Usina de Machadinho realiza soltura de peixes | Colaboradores participam de Programa de Desenvolvimento Comercial
- 06. Jirau recebe Visita Gerencial de Segurança
- 07. ENGIE participa da ExpoGestão

08 ESPECIAL

- 08. Isabelle Kocher no Brasil

10 ENERGIA

- 10. Diretoria de Desenvolvimento de Negócios amplia escopo de atuação
- 11. Complexo Campo Largo começa a gerar energia

12 SUSTENTABILIDADE

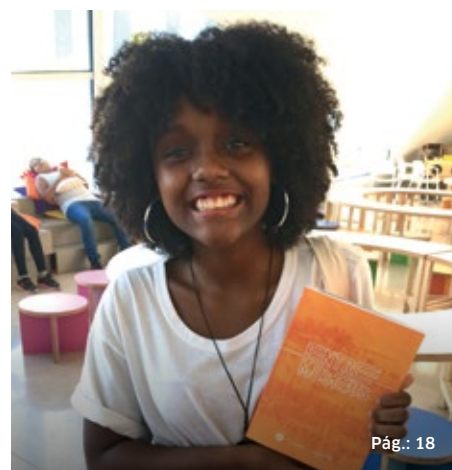
- 12. O ofício do vaqueiro nas telas do cinema
- 14. Educação e bons olhos para jovens e adultos de Umburanas
- 16. Energia solar que fomenta a cultura regional
- 18. Projeto Entre Museus: uma jornada pela história do país
- 22. Comunidades próximas à Assu V recebem implantação de Quintais Produtivos

24 SERVIÇOS

- 24. Matheus Amorim: De *trainee* a executivo da ENGIE
- 26. Entrevista: Sergio Nigri da ACS
- 30. ENGIE participa da *SmartCity Business America*

31 INOVAÇÃO

- 31. *Innovation Day* celebra inovação social
- 34. ENGIE fortalece setor de inovação
- 36. Pesquisa de Satisfação: Empresas Operacionais recebem avaliação positiva



Informativo da ENGIE, de responsabilidade da Assessoria de Comunicação

Coordenação e edição
Leandro Provedel

Colaboração
Simôni Costa, Marli Henicka,
Luciana Bispo e Tayza Ribeiro

Foto da capa
Guilherme Leporace

Concepção gráfica e editoração
Dzigual Golinelli

Reportagem e textos
Duda Hamilton

Jornalista responsável
Leandro Provedel Kunzler - MTB 8259

Isabelle Kocher no Brasil

Recebemos no Brasil, no final de abril, a CEO mundial da ENGIE, Isabelle Kocher, e membros do seu Comitê Executivo, para a reunião com o Comitê Executivo da Unidade de Negócios (BU), Brasil intitulada Executive Leadership Session. O ELS é uma reunião anual na qual é discutida e atualizada a estratégia do Grupo e da BU – esse ano com uma visão de perspectivas de longo prazo, no horizonte 2030.

Nos dois dias com nossa CEO, fomos encorajados a continuar crescendo em geração por meio de fontes renováveis e a buscar oportunidades no transporte de gás, um negócio em que a ENGIE tem muita experiência na Europa e outros países. Também fomos incentivados a aumentar o papel da biomassa e do biogás, dois grandes potenciais brasileiros. Além disso, confirmamos o nosso foco por direcionamento nas demandas dos nossos clientes.

Nossa visão de transição energética é a de integrar serviços, tecnologia e investimentos em negócios descentralizados. Assim, estaremos entregando o que nossos clientes precisam, agregando valor para seus negócios e tornando a ENGIE um verdadeiro parceiro estratégico de diversos segmentos econômicos.

Nossa CEO expressou publicamente que “o Brasil é o terceiro país em termos de tamanho no Grupo, atrás da França e da Bélgica, mas é o número um em termos de projeções. Nossa ambição é continuar desenvolvendo nossa posição.”

Esse foi uma excelente mensagem para nós. No Brasil, temos muitas oportunidades de crescimento nos próximos anos, com o aumento dos nossos negócios e da nossa base de clientes. Isso irá gerar oportunidades para os nossos colaboradores, clientes e parceiros estratégicos. Estamos no caminho certo. ●



Maurício Bähr, CEO ENGIE Brasil junto da CEO ENGIE Mundial, Isabelle Kocher, durante visita ao Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Foto: Guilherme Leporace.

Lucro da ENGIE Brasil Energia cresce 8,6% no primeiro trimestre de 2018

O volume de energia comercializada foi um dos destaques do trimestre, com incremento de mais de 300 MW médios para o período de 2020 a 2022

Nos primeiros três meses de 2018, a ENGIE Brasil Energia registrou um lucro líquido acumulado de R\$ 489,3 milhões, 8,6% acima do alcançado no mesmo período do ano passado. O Ebitda (Lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) alcançou R\$ 1.046,6 milhões, aumento de 18,2% em comparação com o primeiro trimestre de 2017. A margem Ebitda foi de 56% no 1T18, crescimento de 0,9 ponto percentual em relação ao 1T17. Também houve crescimento na receita operacional líquida, que totalizou R\$ 1.868,9 milhões, um incremento de 16,4%. Um dos destaques foi a quantidade de energia vendida neste trimestre, mais de 300 MWh para o triênio de 2020 a 2022. “Alongamos o perfil de contratação do portfólio de energia livre da Companhia e reduzimos o risco de preços para os próximos anos, em linha com

nossa estratégia de comercialização”, afirma o diretor-presidente da ENGIE Brasil Energia, Eduardo Sattamini.

Para Sattamini, os números refletem a disciplina no cumprimento da estratégia de buscar a máxima criação de valor através da eficiente operação dos ativos de geração e da gestão de seu portfólio de clientes e energia. “Estamos cada vez mais atentos na gestão daquilo que nos agrega valor, ou seja, a operação de nossas plantas, a gestão do nosso portfólio e a nossas atividades comerciais”, comenta. ●

Para Eduardo Sattamini, os resultados refletem o modelo de gestão e estratégia da Companhia.
Foto: Divulgação ENGIE



Boas notas nacionais e internacionais



Carlos Freitas, diretor financeiro da ENGIE Brasil Energia. Foto: Divulgação ENGIE

Em março, a *Fitch Ratings* reafirmou o Rating Nacional de Longo Prazo da ENGIE Brasil Energia em ‘AAA(bra)’, com perspectiva estável, e em escala global ‘BB’, com perspectiva estável, ainda um nível acima do rating soberano. A empresa tem rating AAA atribuído pela *Fitch* desde 2012.

“A confirmação do rating como AAA local e BB internacional é excelente, especialmente considerando um período como o atual,

quando estamos com um expressivo nível de investimentos”, afirma o diretor-financeiro da empresa, Carlos Freitas. “Isso reflete nosso perfil financeiro conservador e de baixa alavancagem, que possibilita o crescimento sem alterar a sólida qualidade de crédito”, conclui o executivo.

A agência reafirmou também o rating ‘AAA (bra)’ com perspectiva estável, atribuído à sexta emissão de debêntures quirografárias da Companhia. ●

Soltura Experimental de Peixes



Espécies da ictiofauna foram produzidas pelo Laboratório de Biologia e Cultivo de Peixes de Água Doce da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAD/UFSC).
Foto: Divulgação ENGIE



No Dia da Água, 22 de março, ocorreu no Lago da Usina Hidrelétrica Machadinho, na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul, a soltura experimental de peixes. A ação faz parte do Programa de Monitoramento e Manejo da Ictiofauna, condicionante da Licença de Operação da Usina, e foi autorizada pelo Ibama.

Foram soltas espécies de grumatão, piava e dourado produzidas pelo Laboratório de Biologia e Cultivo de Peixes de Água Doce da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAD/UFSC). Os peixes juvenis são oriundos da reprodução de indivíduos da primeira geração de matrizes selvagens capturados no Alto Rio Uruguai. Todos receberam uma marcação química que produz uma marca fluorescente, para permitir o acompanhamento dos resultados da ação através da recaptura de alguns deles.

O projeto “Conservação da Ictiofauna no Alto Uruguai” foi premiado com o 24º Prêmio Expressão de Ecologia durante o Fórum de Gestão Sustentável 2017. Realizado através de uma parceria do LAPAD com o Consórcio Itá, o Consórcio Machadinho e a ENGIE, o projeto refere-se a um conjunto de ações para conservação da ictiofauna na área de abrangência das Usinas Hidrelétricas Itá e Machadinho. ●

Programa de Desenvolvimento Comercial



Em torno de 70 colaboradores da área comercial da ENGIE Brasil participaram, em março, da primeira etapa do Programa de Desenvolvimento Comercial. A proposta é estabelecer uma cultura única das técnicas de venda e negociação nas empresas operacionais no Brasil, respeitando as características específicas das diferentes frentes de negócios. Organizados em três turmas nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Florianópolis, os colaboradores participaram de um treinamento presencial de sensibilização, com a presença de lideranças das empresas operacionais da ENGIE no Brasil.

“Eles explicaram as soluções que oferecem para facilitar o aprendizado e a integração

da abordagem única”, explica a gerente de comunicação interna e talentos, Renata Tavares.

O Programa está alinhado a um dos objetivos estratégicos da Unidade de Negócios Brasil, que é oferecer soluções integradas para o cliente e buscar sinergia entre as empresas. Ao longo do ano, a equipe comercial terá a oportunidade de esclarecer dúvidas via *Skype* com consultores e de aprofundar os conhecimentos por meio de metodologias de aprendizado a distância. Também estão previstas novas atividades presenciais. “É uma trilha de desenvolvimento contínuo”, afirma Renata. ●



Equipes de São Paulo, Belo Horizonte e Florianópolis receberam o treinamento. Fotos: Divulgação ENGIE

Usina Hidrelétrica Jirau recebe Visita Gerencial de Segurança

Equipe de gestores dialogou com os colaboradores sobre segurança compartilhada e acompanhou atividades como o transbordo de peixes



Transbordo de peixes demonstrou a qualidade do trabalho da área ambiental com os animais e com a segurança no procedimento.
Foto: Alex Correia.

Segurança é um valor de extrema relevância para a ENGIE, precondição para todas as atividades laborais desenvolvidas pela Companhia. Por isso, uma série de ações preventivas continuadas são desenvolvidas para promover o tema entre os colaboradores diretos e empregados de empresas terceirizadas no Brasil. As iniciativas abrangem seminários, palestras, treinamentos e campanhas de conscientização com o objetivo de fortalecer o conceito da segurança proativa e compartilhada, na qual cada um é responsável pela própria segurança e pela dos outros.

Uma dessas ações é o programa VGS - Visi-

ta Gerencial de Segurança, no qual os gestores vão a diferentes empreendimentos da ENGIE para debater o tema com colaboradores. Realizadas desde o início de 2017, as VGS focam no diálogo e não têm caráter de auditoria. Em fevereiro, realizou-se na Usina Hidrelétrica Jirau, em Rondônia, o encontro anual de todos profissionais que atuam na área de Pessoas e Cultura na Unidade de Negócios Brasil. Aproveitando a oportunidade, foi realizada uma VGS.

“Nosso objetivo era mostrar que somos todos propagadores da Cultura da ENGIE”, diz a diretora de Pessoas e Cultura (nova nomenclatura da área de Recursos Humanos), Simone Barbieri. “A VGS é uma ótima

ferramenta para isso, já que, em apenas uma hora, podemos fazer uma boa visita, desde que estejamos preparados e abertos à discussão”. Ela enfatiza que a ideia é sempre manter uma porta aberta ao diálogo: “Os profissionais que visitamos conhecem a atividade como ninguém e são quem realmente pode indicar o que precisa ser melhorado para reforçar ainda mais sua segurança e de seus colegas. Apenas facilitamos essa reflexão”.

O grupo trocou ideias sobre atividades que envolvem uma pequena construção da nova entrada da Usina, um sistema de transposição de peixes por elevador e o almoxarifado. Em seguida, houve debate



Escada de peixes facilita o acesso ao rio Madeira em época de Piracema. Foto: Alex Correia.

para avaliar a experiência. Os profissionais de P&C (antigo RH) se comprometeram a atuar como facilitadores do conceito de segurança compartilhada. Entre as melhorias sugeridas na metodologia das VGS inclui-se a proposta de focar mais na riqueza de discussões e no intercâmbio de experiências.

As VGS prosseguem ao longo de 2018 em outras unidades da ENGIE no Brasil. “Cada diretor fica responsável pelo planejamento das suas visitas”, explica o gerente de saúde e segurança, Vasco Araújo. “Este ano vamos focar nas construções – Pampa Sul, Campo Largo e Umburanas – e nas empresas de Soluções – ENGIE Geração Solar Distribuída e ENGIE Brasil Serviços de Energia, nas regiões Norte e Nordeste”, finaliza Vasco.

Inaugurada em dezembro de 2016 no rio Madeira, a 120 km de Porto Velho, Jirau é a terceira maior hidrelétrica do país e um dos maiores projetos energéticos da ENGIE. Sua capacidade instalada de 3.750 Megawatts é suficiente para fornecer energia renovável para 40 milhões de pessoas. A Usina é controlada pelo consórcio ESBR (Energia Sustentável do Brasil S.A) e a ENGIE tem 40% de suas ações. Segurança do trabalho é vital em um empreendimento de tamanha relevância estratégica. ●

ENGIE participa da ExpoGestão

Evento realizado em Joinville (SC) reuniu líderes de diversos setores para trocar experiências sobre o cenário atual da economia

A ENGIE se fez presente por meio do diretor Comercial e de Inovação da ENGIE Brasil, Gabriel Mann dos Santos, que participou de um painel de debates. Gabriel passou uma visão geral da ENGIE, falando também no ingresso no setor de transmissão e também dos negócios como iluminação de cidades, tecnologias para cidades inteligentes e microgeração solar.

“O mercado brasileiro, no geral, é um dos mais importantes do mundo para a Engie. Em resultados, fica atrás apenas de França e Bélgica. Investimos R\$ 5 bilhões em 2017 no país”.

Além disso, o diretor fez um alerta sobre um problema preocupante para a economia brasileira, as perdas de energia. Segundo ele, o Brasil perde, por ano, 10% da

energia potencial, que soma 47 mil megawatts/hora. ●

Diretor Gabriel Mann dos Santos alertou para as perdas de energia na ExpoGestão, em Joinville (SC)
Foto: André Kopsch



O Brasil é essencial para o crescimento da ENGIE

Isabelle Kocher, CEO global da ENGIE, esteve no Brasil para discutir a estratégia de longo prazo e conhecer ações desenvolvidas no país

Reunião executiva definiu as linhas de atuação da ENGIE no Brasil. Foto: Guilherme Leporace



Em 23 e 24 de abril, Isabelle Kocher, e membros do seu Comitê Executivo, estiveram no Brasil para a reunião com o Comitê Executivo da Companhia para discutir e atualizar a estratégia do Grupo e da ENGIE no Brasil, com uma visão de perspectivas de longo prazo, no horizonte 2030. “O Brasil é o país mais importante para a ENGIE, depois de França e Bélgica, e, dos três, é o único que construímos do zero em pouco mais de 20 anos”. A declaração da CEO global da ENGIE ilustra bem os resultados que a ENGIE Brasil vem dando consistentemente e a visão de crescimento que o Grupo tem em relação ao país. Para contextualizar, basta lembrar que a empresa atua na França desde a construção do Canal de Suez, no século XIX, e na Bélgica desde o início do século XX, quando atuava no ramo de transportes. A ENGIE é, há 20 anos, a maior geradora privada de energia do Brasil e, mais recentemente, tem ingressado em soluções para empresas, cidades e pessoas em áreas como eficiência energética, mobilidade urbana, monitoramento de consumo, segurança e iluminação públicas, e geração fotovoltaica distribuída.

“Estamos satisfeitos com o avanço que obtemos em geração renovável. A aquisição das duas usinas relicitadas da CEMIG

e os novos projetos eólicos estão em linha com nossa estratégia de investir em fontes limpas”, comentou a CEO, que também apoiou o ingresso da ENGIE na construção e operação de Linhas de Transmissão. “Uma das estratégias do Grupo é justamente diversificar o portfólio e conquistar contratos de longo prazo”, avaliou. A outra frase já vem no passado.

Kocher estabeleceu, em conjunto com os executivos da ENGIE no Brasil, três linhas de atuação. A primeira é seguir investin-

do em geração centralizada por fontes renováveis e linhas de transmissão, a segunda é ingressar na cadeia de valor do gás natural e a terceira é oferecer soluções para clientes, com foco em serviços. “Somos extremamente fortes em gás, temos experiência e entendemos que o Brasil pode se beneficiar muito dessa fonte energética”, falou Kocher em evento com os colaboradores da empresa, realizado no Museu do Amanhã. A ambição de crescer em soluções para clientes é grande e representa, ao mesmo tempo,



Le Studio apresenta os recursos oferecidos pela ENGIE para pessoas, cidades e empresas. Foto: Guilherme Leporace

um desafio e uma oportunidade para o time brasileiro da ENGIE. “Queremos que soluções para clientes representem metade de nosso resultado”, estimulou a CEO. Nesse sentido, a ENGIE adquiriu, recentemente, a ACS, empresa líder em monitoramento energético (ver matéria página 26), e comprou o restante da participação na ENGIE Brasil Serviços de Energia, que atua em manutenção multitécnica e sistemas de ar condicionado. Também já é uma das líderes em geração fotovoltaica distribuída e tem soluções integradas para cidades e empresas a partir da plataforma *Living'*, uma tecnologia desenvolvida pela ENGIE Brasil e que será exportada para outros países.

CONHECENDO AS SOLUÇÕES EM DETALHES

Isabelle Kocher inaugurou o *Le Studio ENGIE*, espaço que ocupa boa parte do 21º andar do prédio onde está localizada a sede do Grupo no Brasil, no Rio de Janeiro. Nesse local, todas as soluções e negócios da ENGIE estão dispostas num *show-room* em que o visitante pode conhecer, detalhadamente, toda a gama de soluções que a ENGIE tem a oferecer para seus clientes no Brasil. Da *smart house* com carro elétrico na garagem à geração solar distribuída, passando pela medição inteligente de energia, soluções de eficiência energética e até a simulação de como o Maestro atua no monitoramento urbano.

Além disso, a CEO também visitou o marketplace desenvolvido na entrada do Museu do Amanhã. Nele, Isabelle pôde conhecer um pouco de cinco temáticas centrais da ENGIE no Brasil, apresentadas em totens que foram explicados pelos diretores relacionados com cada área: iniciativas em inovação, *stakeholders*, eficiência digital e operacional, caminhos para o futuro e adaptação do grupo.

Isabelle também foi a Niterói, onde conheceu a operação do túnel Charitas-Cafubá, recentemente inaugurado. O Centro de Controle Operacional conta com tecnologia ENGIE e o túnel possui 1.100 lâmpadas LED e 40 câmeras de monitoramento, além de sensores que alimentarão o sistema para garantir a segurança e a mobilidade. Com 1.350 metros de extensão, esse túnel liga a Região Oceânica à Zona Sul de Niterói.

AGENDA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Além de negócios, Isabelle Kocher teve a oportunidade de conhecer alguns dos projetos sociais em que a ENGIE investe no Brasil. Acompanhada do diretor Ricardo Piquet e do curador Luiz Alberto Oliveira, a CEO conheceu as principais atrações do Museu do Amanhã. Por meio da Lei Rouanet, a ENGIE é uma das principais patrocinadoras do museu. Além disso, a Fundação ENGIE patrocina o Programa Entre Museus, que consiste na visita a 20



Isabelle conheceu algumas exposições do museu. Foto: Guilherme Leporace

museus da cidade do Rio de Janeiro, por cerca de mil crianças de escolas em bairros vulneráveis em torno do Museu do Amanhã (Confira matéria na página 18).

Os executivos da ENGIE ainda foram ao Instituto Rumo Náutico, Projeto Grael, também conhecido como Instituto Grael, em Niterói. Em quase 20 anos de existência, mais de 12 mil crianças e jovens da rede pública de ensino já passaram pelo projeto. Para saber mais sobre o projeto, acesse o link abaixo e leia a reportagem da edição de julho de 2017 da revista Boas Novas. ●



Kevin Alix, gerente de soluções para cidades, apresentou os detalhes do totem sobre os caminhos para o futuro. Foto: Guilherme Leporace

<https://bit.ly/2s91zQe>



Equipe coordenada por Labanca atua de forma integrada e permeia pelos diversos negócios da ENGIE. Foto: Divulgação ENGIE

Diretoria de Desenvolvimento de Negócios

Uma equipe multidisciplinar que desenvolve projetos em várias frentes

Encontrar e desenvolver bons projetos, prospectar o mercado e convencer as partes interessadas de que eles são bons negócios. Essa é a forma de atuação da diretoria de Desenvolvimento de Negócios da ENGIE, coordenada pelo executivo Gustavo Labanca, 50 anos, que desde 1998 está na Empresa, e desde o início de 2016 é o diretor da área. Sempre em evolução, a enxuta equipe de 15 pessoas está em contato constante com diferentes setores da Companhia - do social ao jurídico, do ambiental ao financeiro -, e alinhada às estratégias do Grupo.

“Trabalhamos hoje em três frentes: geração centralizada, cadeia de gás natural e serviços & soluções”, explica Labanca, formado em engenharia eletrônica pela Universidade Gama Filho. Na geração centralizada, diz ele, o foco é claramente o investimento em empreendimentos de energia renovável - usinas solar, eólica e hidrelétricas - e a transmissão de energia. “Nos serviços e soluções estamos de olho em contratos de longo prazo e parcerias público-privadas, principalmente na iluminação pública e na mobilidade urbana”.

A cadeia de gás é outra frente da ENGIE, já

que a regulamentação está em nova fase, com a Petrobras deixando de ter monopólio sobre as atividades do setor. “Queremos crescer nesse segmento, pois a ENGIE tem domínio e conhecimento internacional no transporte, na distribuição e estocagem de gás”, revela o executivo. “Um dos projetos que a nossa equipe está debruçada é o projeto integrado de um terminal de regaseificação e a termelétrica a gás Norte Catarinense, em SC.

Labanca conta que a equipe faz a prospecção e precisa cumprir uma série de etapas para o desenvolvimento e decisão final de investimento. “Dependendo do projeto e do valor, precisamos obter autorização dos comitês do Grupo em Paris”, explica. “Também buscamos projetos em leilões, como as usinas hidrelétricas Jaguará e Miranda, em Minas, ou a linha de transmissão que atravessa o Paraná”.

O que não pode faltar nesses projetos é uma equipe multidisciplinar com aptidão para pesquisar e discutir internamente o modelo de negócio e seus riscos.

“No nosso trabalho temos de estar juntos com o pessoal do financeiro, do jurídico, do comercial, do técnico-operacional e do

meio ambiente, dentre outros”, observa Labanca. “Temos que buscar parcerias com todas as áreas”.

Para fazer parte desse time, segundo o diretor, é preciso possuir criatividade, dinamismo, discernimento, pró-atividade e, acima de tudo, comprometimento com o time. Entre as dificuldades enfrentadas para o melhor desenvolvimento do trabalho estão a instabilidade política no Brasil e o ambiente regulatório. “Não é fácil explicar para o pessoal de Paris os altos e baixos da nossa política, a troca de ministros, os rumos da economia”. Entre as facilidades, Labanca cita a qualidade do time: bem estruturado e com pessoas certas em cada linha de negócio.

Atualmente, a equipe trabalha em várias frentes que estudam o próximo leilão de transmissão em junho, o leilão A-6, de agosto, analisam projetos de biogás e desenvolvem projetos como o da termelétrica Norte Catarinense. “Também buscamos boas oportunidades na iluminação pública, no crescimento da geração solar distribuída e no B2B [business-to-business]”, finaliza o executivo. ●

Complexo Campo Largo realiza energizações e conecta primeiro aerogerador



Primeiros aerogeradores já estão montados e devem começar a gerar energia ainda em maio.
Foto: Luciana Bispo.



José Laydner: Diretor de Geração ENGIE Brasil Energia.
Foto: Divulgação ENGIE.



O comissionamento dos aerogeradores do Complexo Eólico Campo Largo, fase na qual eles são testados, já foi iniciada. Em maio, o primeiro aerogerador do Complexo foi sincronizado com o Sistema Elétrico Brasileiro, iniciando sua operação em teste. A operação comercial do primeiro dos 11 parques que compõe o Complexo Campo Largo está prevista para ocorrer no início de junho.

Também foram energizados com sucesso os *Bays* de Conexão e Linha de Transmissão de Campo Largo, assim como a Subestação Campo Largo. Esta é uma etapa

fundamental para o andamento do empreendimento. Segundo o Diretor de Geração da ENGIE Brasil Energia, José Laydner, a energização dos *bays* e da linha asseguram a funcionalidade do Complexo. “Este é mais um passo importante para a disponibilização da energia de todo o Complexo Eólico. É uma obra importante para a ENGIE que, além de ampliar a sua capacidade por meio de fontes renováveis, já empregou mais de 340 trabalhadores, 70% oriundos da Bahia”, salienta Laydner. A operação comercial do Complexo está prevista para janeiro de 2019 e poderá abastecer uma população de até 600 mil habitantes.

COMPLEXO UMBURANAS

No Complexo Eólico Umburanas, as obras civis estão ganhando ritmo. Várias fundações estão sendo concretadas por semana, além de outras frentes de serviço onde equipes executam terraplenagem, escavações e armação de blocos de fundação. Já a construção da Subestação Coletora Umburanas foi iniciada na primeira quinzena de março. Em sua primeira fase, o projeto Umburanas contará com 18 centrais eólicas, totalizando 144 aerogeradores previstos e 360 MW instalados. ●



Ofício do Vaqueiro é tema de documentário no Sertão da Bahia



Um dos ofícios mais antigos do Brasil, a profissão de vaqueiro, foi tema de um

documentário produzido no Sertão da Bahia. Previsto no Programa de Gestão do Patrimônio Cultural relacionado ao licenciamento da Linha de Transmissão 230 kV SE Campo Largo – SE Ourulândia II do Complexo Campo Largo, o trabalho foi desenvolvido pela empresa Zanettini Arqueologia, nas comunidades rurais de Rodoleiro e Barriguda dos Limas, no município de Umburanas e na comunidade de São Bento, em Ourulândia.

No curta-metragem, os perigos da caatinga, as vestimentas do vaqueiro, os instrumentos de trabalho, as moradias feitas de tijolos de adobe, a feira, a farinha e o gado, entre tantos outros elementos que estabelecem relações com o protagonista da caatinga são apresentados entre depoimentos de vaqueiros e vaqueiras e a

apresentação do aboio, cuja tradição segue perpetuada entre as novas gerações.

De acordo com o gestor do Programa, Lucas Troncoso, da Zanettini Arqueologia, o vídeo partiu da necessidade de dar uma devolutiva à população e documentar aspectos em torno do ofício do vaqueiro, um saber de mais de quatro séculos reconhecido como Patrimônio Imaterial da Bahia.

“Durante o processo de produção, o que mais chamou atenção foi o envolvimento familiar e o repasse de conhecimentos dos mais velhos para os mais novos, algo muito presente em todas as comunidades, o que torna a tradição mais forte”, destacou Lucas.

“A mais linda tradição nordestina é a cultura do vaqueiro. Ter isso na minha família e poder seguir os passos de meu avô e

meu pai é motivo de muita alegria”, afirmou o jovem vaqueiro, João Maia Neto.

Quem acha que o ofício do vaqueiro é apenas para os homens se surpreende quando escuta o depoimento de Luciene Barros Maia, uma vaqueira da comunidade de São Bento que perpetua a tradição por meio de pesquisas e ensinamentos. “Tenho orgulho de correr nas minhas veias a raiz da vaqueira nordestina. Meu amor pela lida é tão grande que fiz minha monografia sobre a cultura do vaqueiro de São Bento, que envolve sua linguagem, repentes, aboios, vestes, alimentação, entre outros elementos característicos dessa profissão”, disse Luciene.

Para a vaqueira, o vídeo será mais uma oportunidade para divulgar uma cultura tão rica. “Estamos felizes demais com o resultado. É um registro da nossa história, que está sendo compartilhada e que



As vestimentas em couro são essenciais para a segurança do vaqueiro durante o manejo dos animais.
Foto: Marcos Issa/Zanettini Arqueologia

Além de prática: Luciene perpetua a tradição do vaqueiro por meio de pesquisa acadêmica. Foto: Reprodução



ficará pra sempre viva e lembrada”, declarou.

Para o vaqueiro Paulo Vítor Leite, ver a tradição de seu povo registrada no vídeo foi motivo de orgulho. “É gratificante saber que ainda há uma esperança de a nossa cultura ser vista e reconhecida, já que ela anda um pouco esquecida”, afirmou.

O vídeo *Ofício do Vaqueiro* é uma realização da ENGIE com produção da Argos Foto. ●



Resgatar o rebanho em meio à vegetação da caatinga é o desafio dos vaqueiros.
Foto: Marcos Issa/Zanettini Arqueologia

Clique aqui e conheça mais sobre o ofício:
youtube.com/watch?v=gwp-cgmb-OHE

Bons olhos para a educação: Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos é realizado em Umburanas



Alfabetizar jovens e adultos acima de 15 anos, analfabetos ou que não tiveram a oportunidade de dar continuidade aos estudos é o objetivo do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), que está sendo realizado no município de Umburanas na Bahia.

Executado pela empresa Gaia Social, o curso iniciado no mês de março segue até novembro de 2018 nas comunidades de Angical, Barriguda do Doutor, Barriguda da Brasília, Barriguda dos Lima e Barriguda dos Lió, localizadas na Área de Influência Direta (AID) do Complexo Eólico Campo Largo e na Área Diretamente Afetada (ADA) da Linha de Transmissão LT 230 KV

SE Campo Largo - SE Ourorândia II.

De acordo com o Gaia, dos 139 alunos matriculados, mais de 70% não sabem ler nem escrever e 74% nunca frequentaram a escola. Para o coordenador de Implantação de Projetos da ENGIE Brasil Energia, Leandro Magri, o curso é uma grande oportunidade de mudar essa realidade e levar mais conhecimento para esse grupo. “Chegamos em Umburanas para gerar energia, mas também para nos tornar parte destas comunidades e queremos deixar um legado. Que a chegada desses aerogeradores seja uma razão de transformação, de novos tempos”, destacou Magri.

Os resultados do Projeto já podem ser notados em sala de aula. A dona de casa, Sizaltina Martins da Gama destaca com entusiasmo o progresso que vem obtendo. “Nunca pensei que um dia teria a oportunidade de frequentar uma escola e hoje estou aqui numa sala de aula, na minha comunidade, perto de amigos e familiares vivendo a alegria de aprender a ler e escrever meu nome completo pela primeira vez”, destacou Sizaltina.

“Espero que agora eu consiga conciliar o trabalho e as aulas e aprender mais para crescer profissionalmente”, destacou o estudante Damiano Bispo, 34 anos. Ele viu no curso uma oportunidade de retornar aos estudos, que foram interrompidos



Jovens e adultos de diversas comunidades de Umburanas se beneficiam do Projeto de Alfabetização.
Foto: Luciana Bispo



Oferecido em parceria com a empresa Gaia, o Projeto de Alfabetização atende 139 pessoas de várias comunidades. Foto: Luciana Bispo

devido à necessidade de trabalhar para sustentar a família.

A dona de casa Antônia Gonçalves teve seu primeiro contato com a sala de aula no curso. Criada em uma família humilde, ela conta que sabe ler pouco e que o pai nunca teve condições de colocar os filhos para estudar. “Sempre quis aprender a ler e escrever e fiz de tudo para tornar a realidade de meus filhos diferente da minha. Investi neles mas, agora é a minha vez de estudar e espero conseguir concluir o curso e realizar meu sonho”, disse Antônia. Um dos maiores incentivadores do Projeto de AJA é o CEO da ENGIE Brasil Energia, Eduardo Sattamini, que vê nas ações sociais da Companhia um dos alicerces que tornam a empresa uma referência nas regiões onde atua.

“As ações de responsabilidade social realizadas pela ENGIE Brasil Energia ultrapassam as formalidades legais. Nós queremos estar realmente inseridos nas comunidades onde atuamos e melhorarmos a qualidade de vida das pessoas, não apenas ampliando o mercado de trabalho a partir dos investimentos, mas contri-

buindo efetivamente para o bem-estar social, exatamente como o Projeto de Alfabetização realiza”, finaliza Sattamini.

CONSULTAS E ÓCULOS PARA ALUNOS

Cerca de 90 alunos da AJA foram contemplados com consultas oftalmológicas e a doação de óculos. A ação buscou avaliar a saúde ocular dos estudantes, que incide diretamente no rendimento durante as aulas. “Muitos desses estudantes têm alguma dificuldade de enxergar, em especial os mais idosos. Desta forma, a consulta e os óculos certamente contribuirão

para a efetividade do processo de aprendizagem, além de servir de estímulo para seguirem firmes nos estudos”, afirmou o gerente da obra, Murilo Boselli.

Após passar pelo especialista, os alunos com necessidade de lentes corretivas escolheram as armações e tiraram as medidas para produção das lentes. Já os casos mais sérios foram encaminhados para tratamento especializado na rede de saúde do município. ●

Óculos aumentam a qualidade de vida dos participantes e melhoram o desempenho nos estudos. Foto: Luciana Bispo



Cultura movida a energia solar

ENGIE doa sistemas fotovoltaicos a Centros de Cultura em quatro cidades



Centro de Cultura de Alto Bela Vista foi o primeiro a receber os painéis fotovoltaicos.
Foto: Arthur Henrique Munaretti

Em abril, a ENGIE Brasil Energia iniciou o processo de instalação de sistemas de geração solar fotovoltaica em 4 Centros de Cultura e Sustentabilidade em cidades próximas à Usinas Hidrelétricas. A Companhia vai doar sistemas de geração solar fotovoltaica aos Centros de Cultura e Sustentabilidade de quatro cidades brasileiras onde a empresa tem usinas hidrelétricas. Cada edificação conseguirá reduzir o valor da conta de luz em até 89%. Com valor somado de R\$ 120 mil, os equipamentos se pagam em um prazo de cinco a oito anos, conforme as características de cada projeto.

A instalação começou em 9 de abril, em Alto Bela Vista, município de 2 mil habi-

tantes situado no oeste de Santa Catarina. Em seguida foi a vez de Quedas do Iguaçu, com 33,5 mil moradores, no Paraná, e Entre Rios do Sul, com 3 mil habitantes, no Rio Grande do Sul. Outra unidade será inaugurada no segundo semestre, juntamente com o Centro de Cultura em construção em Minaçu, Goiás, com população de 30,7 mil.

“Os Centros de Cultura vão se tornar praticamente autossuficientes no fornecimento de energia elétrica, dando um excelente exemplo de geração distribuída oriunda de uma fonte renovável de energia”, destaca o diretor administrativo e coordenador do Comitê de Sustentabilidade da ENGIE Brasil Energia, Júlio César Lunardi. “Essa instalação instigará a

curiosidade das pessoas que frequentam os locais, comprovando a viabilidade técnica e econômica dos sistemas fotovoltaicos”.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Construídos a partir de 2011 com recursos de incentivo fiscal, os Centros de Cultura e Sustentabilidade são uma iniciativa da ENGIE para contribuir com a transformação social e o desenvolvimento sustentável nas comunidades onde está inserida. A empresa já investiu R\$ 20 milhões em cinco unidades e outras quatro estão em preparação. Cada Centro serve a uma população aproximada de 50 mil pessoas em um raio de 130 km de distância e dez municípios vizinhos. Em mé-



Com apenas 26 painéis, o sistema instalado em Alto Bela Vista reduz em 89% o consumo de energia proveniente da distribuidora local. Foto: Arthur Henrique Munaretti.

dia, 250 crianças e jovens participam da programação semanal, que inclui música, teatro e dança, entre outras atividades gratuitas que mobilizam a comunidade.

MAIS DE 330 MIL VISITAS

Os Centros de Cultura e Sustentabilidade são reconhecidos por seu papel de transformação da realidade nas comunidades envolvidas. Eles minimizam os riscos sociais da falta de acesso à cultura, à medida que crianças e jovens de baixa renda reforçam sua autoestima e o protagonismo social. Um exemplo é a unidade gerida pela Associação Comunitária de Vila Alegre, em Entre Rios do Sul (RS), que contribuiu para a queda da estatísticas de violência no município. Também faz parte

da iniciativa o treinamento de líderes e agentes comunitários para o uso de ferramentas de gerenciamento de projetos. A ENGIE promove o compartilhamento de boas práticas e o intercâmbio de atividades culturais entre os Centros.

“A doação foi de suma importância para a sustentabilidade do Centro de Cultura de Quedas do Iguaçu, pois teremos redução da despesa com energia elétrica, além de darmos ênfase à energia renovável”, diz o gerente da Usina Hidrelétrica Salto Osório, Antônio Martins. Ele enfatiza a relevância do Centro para o resgate da cidadania da comunidade. As instalações contam com sala de exposições de arte, sala de leitura e inclusão digital e três espaços multiuso para oficinas e cursos,

além de um escritório e um auditório para cinema e teatro com capacidade para 324 pessoas.

CONTA DE LUZ MAIS BARATA

A instalação do sistema fotovoltaico foi realizada pela equipe da ENGIE, que trabalha em parceria com os principais líderes mundiais do segmento e utiliza a tecnologia mais avançada disponível no mercado. Todos os equipamentos possuem certificado “A” no Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro).

Em Alto Bela Vista (SC), o sistema terá potência instalada de 7,02 kilowatts/pico (kWp) e produção anual de energia estimada em 9.160 kilowatts/hora (kWh), que proporcionam uma economia de 89% na conta de energia – isso corresponde a R\$ 5,7 mil apenas no primeiro ano de operação. O investimento de R\$ 35,2 mil se paga em cinco a seis anos. Ao longo de seus 25 anos de vida útil, pode evitar a emissão de 128,6 mil kg de CO₂ equivalentes ao plantio de 236 árvores, ao percurso de 72,7 mil km de um automóvel ou à pegada de carbono de três pessoas.

Em Quedas do Iguaçu, um sistema com potência instalada de 5,94 kWp vai gerar 7.742 kWh/ano, com uma geração média mensal de 645 kWh. A Associação do Centro de Cultura e Sustentabilidade vai deixar de pagar 87% da conta de energia, economizando R\$ 3,3 mil no primeiro ano de operação. Em Entre Rios do Sul, a economia também será de R\$ 3,3 mil, com um sistema de potência instalada de 3,78 kWp e produção estimada em 5.473 kWh/ano, suficientes para cobrir 72% das necessidades energéticas do local. ●

Os caminhos entre a escola e os museus

Patrocinado pela Fundação ENGIE, projeto Entre Museus é um mosaico de reflexões e oportunidades que vai levar, até setembro, 800 crianças a 23 museus do centro e zona portuária do Rio de Janeiro



Jovens da 8ª série da Escola Vicente Licínio Cardoso chegam ao Museu do Amanhã no Rio de Janeiro para participar do projeto ENTRE MUSEUS, patrocinado pela Fundação ENGIE. Foto: Duda Hamilton.

AULA EXTRACURRICULAR - “É visível nas turmas um amadurecimento depois dessas experiências, bem como o rápido aprendizado e reflexões sobre determinados temas”, comenta a professora de ciências Maria Ignez Machado de Camargo. Natalia Silva, 13 anos, não é novata no Museu do Amanhã. Já esteve por aqui no ano passado, com outra turma. “Me sinto bem no Cosmos, deitada olhando o espaço, a atmosfera, como fomos criados, dá o que pensar”, confessa. Ela gosta também da exposição sobre o que o ser humano faz com o planeta. “Nós mesmos que estragamos”, diz, consciente. O educador David complementa que no Antropoceno, a Era dos Humanos, “é tudo o que causamos, nossas ações no planeta”.

David, que já foi técnico em Administração de uma multinacional, queria mais que o salário, queria transformar o mundo. Escolheu a área de Educação e cursou História. “Hoje estou realizado, embora o dinheiro, a cada ano, fique mais escasso”. Ele destaca



Maquete auxilia os alunos a se localizarem na região onde estão localizados os museus. Foto: Duda Hamilton.

Às 14h do abafado dia 13 de março, no hall do Museu do Amanhã do Rio de Janeiro, 29 jovens da 8ª série da Escola Municipal Vicente Licínio Cardoso, acompanhados de duas professoras, são recebidos por educadores do projeto Entre Museus. Começa ali uma viagem em que os estudantes aprendem de uma outra forma, com mais interação e reflexão. Eles têm entre 13 e 16 anos e vivem, em sua maioria, na mais antiga comunidade do Rio de Janeiro e do Brasil, o Morro da Providência. A participação, a curiosidade dos alunos e a forma como o educador leva à reflexão contaminam e surpreendem quem passa.

A relação entre os alunos e o professor de História, David Alfredo, fez o visitante Alberico Camargo, professor no Recife, parar para observar a conversa entre eles. “Muito bom o nível de abordagem e a participação dos alunos. Eles não passariam por uma experiência como essa dentro da sala de aula”, observa Camargo. E complementa: “A consciência política do professor com o aluno foi o que mais me chamou a atenção”.

David é um dos 12 educadores que recebem alunos no Museu do Amanhã.

Sua primeira pergunta para a turma: “O que é um Museu?” Um dos alunos se apressa e diz: “É onde se armazena cultura”. Outro, com a voz modificando pela idade, diz que é onde tem fatos históricos. A participação é boa, e outra aluna contribui dizendo que para ela “é onde se guarda a arte”. O educador completa: “O mundo é um museu e é isso que vamos conhecer hoje, mas é preciso refletir”.

O tempo todo da visita é interativa. Muitas perguntas, inúmeras respostas diferentes. Miguel Akiles, 13 anos, é esperto e participativo. Esta é a primeira vez que entra no Museu do Amanhã. “A gente conhece o mundo aqui dentro de várias formas, é muito legal”. Um de seus locais preferidos foi a sala Quatro Oceanos - continentes, mares, ventos e luz que, associados, ditam o ritmo da vida na Terra. É um movimento rítmico e contínuo de tecidos flutuantes. “Fiquei lá observando, me deu tranquilidade e muitas possibilidades de pensamento”.



Pela primeira vez no Museu do Amanhã, Miguel Akiles, 13 anos, interagiu e gostou de tudo o que viu.
Foto: Duda Hamilton.

que não estamos vivenciando uma visita guiada, e sim uma visita mediada. “É muito bom ouvir o que eles têm a dizer, sua compreensão. Fazê-los pensar, sentir suas emoções”, vibra.

Yanne Gabriele Chagas Silva, 13 anos, é uma das 29 estudantes. Ela veio do Maranhão e há um ano vive no Rio de Janeiro. Nunca tinha ido a um museu antes. “Depois dessa visita fiquei pensando em como somos egoístas”, diz ela ao sair de uma das salas interativas do Museu. “A partir de agora vou pensar diferente, vou tentar mudar e também mudar minha família. Temos de deixar um mundo melhor”, afirma. O que mais chamou a atenção da simpática maranhense foi o Portal Cósmico, um filme 360 graus, de 10 minutos. “As explosões, os primeiros habitantes, a força da natureza, todas essas imagens vão ficar gravadas na minha mente”. A jovem reconhece que, se não fosse o educador, ela não teria a mesma percepção. “David me confundiu com tanta informação, mas foi bom porque ele me fez refletir. Agora eu sei o que posso fazer para mudar e melhorar o mundo”, finaliza.

A visita termina com o exercício da imaginação na exposição NÓS, que propõe um engajamento do visitante na ideia de que o Amanhã começa agora, com as escolhas que fazemos. Vivemos em um planeta profundamente transformado pela nossa própria intervenção. Qual será o nosso legado para as próximas gerações?



Com o diário de bordo na mão, a maranhense Yanne, 13 anos, entra pela primeira vez que entra em um museu.
Foto: Duda Hamilton.

Os amanhãs possíveis

Coordenadora de todos os projetos, a arquiteta Laura Tavez diz que o Museu do Amanhã se propõe a discutir os “amanhãs possíveis”. No Entre Museus, por exemplo, iniciado em setembro de 2017, cada escola da região e algumas ONGs participam com duas turmas. Todas as terças e quintas, o grupo visita o Museu do Amanhã e mais um outro, como o Museu Histórico Nacional, o Museu de Arte do Rio ou o Museu da República. Ao todo são 23 museus no projeto e uma expectativa de levar 800 crianças até setembro deste ano.

Na viagem pela cidade, todas as turmas recebem um *kit - eco bag*, camiseta do projeto e um livro com informações de todos os museus que vão visitar. O livro é chamado



Laura Tavez, responsável pelos projetos educativos do Museu do Amanhã, diz que o importante é fazer com que essas crianças tenham o sentido de pertencimento do Museu. Foto: Duda Hamilton.

carinhosamente de Diário de Bordo e tem partes para destacar, além de um mapa do percurso. Todos os alunos e professores que participam do projeto recebem uma carteirinha para visitar o Museu do Amanhã quando quiserem, sem prazo de validade.

“Queremos fidelizar o público local, fazer com que essas crianças de escolas aqui de perto tenham o sentido de pertencimento do Museu”, explica Laura. “Eles precisam conhecer seu passado e se apropriar do espaço”. Ela diz que o Museu é mais do que um lugar de encontro, é uma ferramenta de educação. “Aqui conseguimos a circulação do conhecimento.”



No Antropoceno assiste-se deitado! ou em pé às ações que causamos no planeta.
Foto: Duda Hamilton.

SUSTENTABILIDADE

A Fundação ENGIE está no projeto desde o plano-piloto e é a principal parceira do Entre Museus. “Sem o patrocínio seria impossível realizar essas visitas”, diz a arquiteta. “Nossa alegria é que a maioria dos alunos voltam e ainda trazem amigos e familiares, já que eles têm uma carteirinha do museu”.

PROJETO DE VOLUNTARIADO - O Entre Museus tem atraído também as voluntárias do Programa ENGIE de Voluntariado, composto por empregados e seus familiares. Patrícia Vieira e Beatriz Paiva de Almeida já acompanharam visitas e vão repetir a experiência.

Patrícia ficou sabendo pelo marido que trabalha na ENGIE. “Ele me encaminhou o e-mail que recebeu do RH e prontamente fiz o contato, recebendo todas as informações”, conta. “Gostei do projeto porque acredito que os espaços culturais e a arte em geral são para todos. Aqui exerço a cidadania”, diz Patrícia. Durante sua experiência os educadores foram prestativos, acolhedores e experientes, e os alunos, incríveis. “Foi uma luz que se acendeu!”, completa. Ela já se prepara para a próxima visita.

Já Beatriz, a Bia, conheceu o projeto dentro da ENGIE, pois é estagiária e precisava comunicar internamente o que era o Entre Museus. “A primeira vez que acompanhei os alunos foi em março”, conta. “Na terça fui ao Museu do Amanhã e na quinta-feira, ao Planetário, com o pessoal da ONG Casa Amarela, do Morro da Providência”.

Dentro do ônibus, segundo Bia, já começam os ensinamentos, com o educador mostrando as partes históricas do Rio. “Muitas informações eu não sabia, foi uma aula de história”, confessa a estudante de Publicidade e Propaganda.

Para a mentora do programa de voluntariado e gerente corporativa de Desenvolvimento Sustentável da ENGIE, Cristina Ribeiro, o voluntário exerce a cidadania, vivenciando a certeza de que os espaços culturais são potentes instrumentos de educação a públicos de todas as idades e faixas de renda. “Projetos como este permitem que participantes destas comunidades vulneráveis tenham um novo olhar e perspectivas sobre suas potencialidades de melhoria da qualidade de vida”.



O educador e professor de História David Alfredo diz que é bom ouvir a opinião dos jovens e gosta de fazê-los pensar. Na exposição NÓS, o recado é de que o amanhã começa agora, com as escolhas que fazemos. Fotos: Duda Hamilton.



Patrícia Vieira, em pé de camiseta azul marinho, é voluntária do programa ENGIE, assim como Renata Tavares, em pé de camisa azul claro. Foto: Guilherme Leporace.

MUSEU DO AMANHÃ

Erguido ao lado da Praça Mauá, na zona portuária do Rio de Janeiro, o Museu do Amanhã foi inaugurado em dezembro de 2015 e é atualmente o mais visitado do Brasil. Busca promover a inovação, os avanços da ciência e publicar os sinais vitais do planeta. O museu está situado às margens da Baía de Guanabara e em uma região de relevância histórica, tanto do ponto de vista urbanístico quanto social. Uma de suas iniciativas de aproximação com o público é o Programa Vizinhos do Amanhã, que dá entrada gratuita aos cerca de 30 mil moradores da região portuária - distribuídos pelos bairros

da Saúde, Gamboa e Santo Cristo e os morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento.

O projeto arquitetônico é assinado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava. Diferente por fora e por dentro, é um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de fortes mudanças em que vivemos e os caminhos que se abrem para o futuro.



Foto: Guilherme Leporace.

ENTRE MUSEUS

O projeto Entre Museus, desenvolvido em parceria com a ong IDG, vai beneficiar 1.500 crianças e jovens da zona portuária do Rio de Janeiro em um ano, oferecendo a eles uma nova visão de mundo. Além disso, oferta a oportunidade de conhecer a riqueza cultural de sua cidade e se sentirem pertencentes a ela. Patrocinado pela ENGIE desde o início, o projeto se desdobra em uma série

de ações, tendo como ponto de partida a visita mediada para grupos de jovens da região portuária ao Museu do Amanhã e a cerca de outros 20 museus em seu entorno.

É um projeto de mobilização social e cultural cujo objetivo é estimular a visita a espaços culturais e à circulação na cida-

de, e com isso contribuir para a formação de novos públicos de cultura. Na visita são realizadas também atividades complementares que pretendem fortalecer os laços entre as escolas e os espaços de cultura locais.

MORRO DA PROVIDÊNCIA

Situado entre a região central e a zona portuária do Rio de Janeiro, o Morro da Providência é uma das comunidades mais antigas do Brasil. A favela surgiu a partir de uma promessa que o governo fez aos soldados do Rio de Janeiro enviados à Guerra de Canudos, no sertão baiano: uma casa. Apesar de terem saído vitoriosos sobre o grupo liderado por Antônio Conselheiro, eles nada receberam. Sem local para morar, acabaram se estabelecendo na Providência. De acordo com o historiador Milton Teixeira, o início da ocupação se deu em 1897. No ano passado, a comunidade completou 120 anos.

Em 1916, a Providência, que abrigou ex-escravos, ganhou visibilidade cultural com a música Morro da Favela. Depois, em 1935, foi o cenário para o filme Favela dos meus amores, de Humberto Mauro. ●

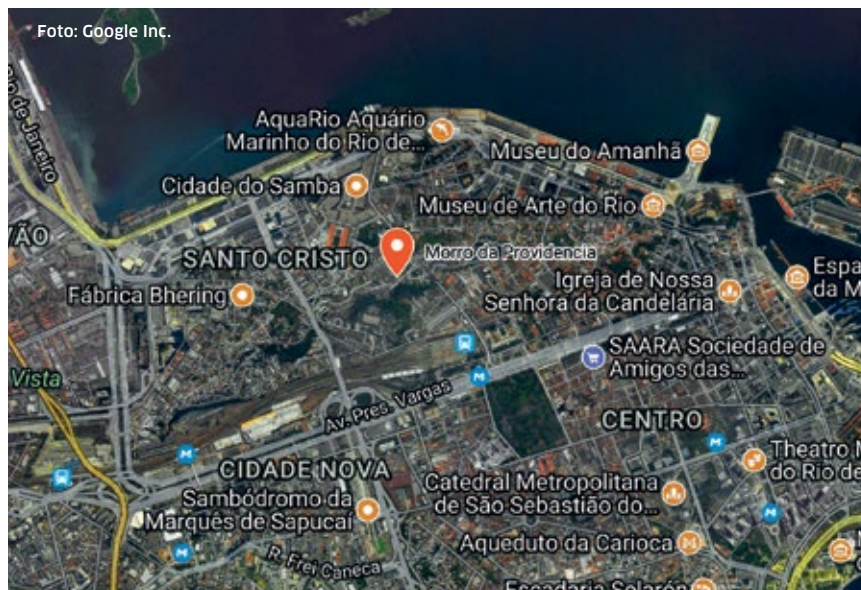


Foto: Google Inc.

Turma do Bela Vista Piató recebe capacitação em escola da comunidade.
Foto: Everton Maia



Assu V: comunidades próximas à Usina Solar recebem implantação de Quintais Produtivos



Desde o mês de março, as comunidades Bela Vista Piató e Professor Maurício de Oliveira, no município de Assú (RN), estão sendo beneficiadas com a implantação de Quintais Produtivos, ação promovida pela ENGIE Brasil Energia. Ao todo, 17 famílias são contempladas diretamente com o projeto. A iniciativa é proveniente do subcrédito social do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) vinculado à instalação de uma usina Ferrari, em Pirassununga (SP), e teve aporte direcionado para as comunidades que ficam no entorno da Usina Solar Assu V.

O projeto consiste na instalação de hortas comunitárias em 17 propriedades, todas beneficiadas com ações e equipamen-

tos que levam em consideração o melhor aproveitamento dos recursos naturais, como uso de biofossa, criação de galinha caipira, manejo ecológico do solo, agricultura familiar, gerenciamento de recursos hídricos e gestão da pequena propriedade rural.

Na primeira quinzena de abril foi realizada a entrega dos insumos a todos os beneficiários, quando também foram distribuídos *kits* contendo material de EPI (botas, luvas, máscaras, óculos, etc.), ferramentas para jardinagem, sementes, bebedouros e telas para construção de aviário.

“Receber esses *kits* está sendo um sonho realizado. Pela primeira vez, depois de muitos anos convivendo com a planta

de mudas, posso ter minhas botas e ferramentas apropriadas para mexer na terra. Esse projeto vai ser de grande importância para nós da comunidade”, revela a agricultora e beneficiária Ana Maria da Silva, do Professor Maurício de Oliveira.

Entre março e abril, cerca de 30 moradores participaram das oficinas de capacitação sobre assuntos relacionados ao manejo ecológico do solo, agricultura familiar, gerenciamento de recursos hídricos, entre outros temas de interesse da comunidade. No fim de maio ocorrerá o seminário de encerramento com a demonstração de resultados.

O projeto Quintais Produtivos consiste em mecanismos simplificados de produção



Implantação dos quintais produtivos na comunidade quilombola Bela Vista Piató. 10 famílias são beneficiadas diretamente. Foto: Everton Maia.

de alimentos para famílias carentes que residem em pequenas propriedades. Localizados nas proximidades das casas, os quintais se constituem como uma prática tradicional consorciada de cultivo de espécies vegetais e de criação de animais que produzem o ano inteiro.



Aula prática para instalação dos quintais no Professor Maurício de Oliveira. Foto: Everton Maia.

“Sabemos que uma produção otimizada de alimentos e um manejo adequado dos animais pode aumentar a produtividade de cada quintal ou terreno, gerando ainda mais benefícios para as famílias. Com isso, a ENGIE participa ativamente das comunidades que cercam as Usinas de Assu”, ressalta o gerente da obra da Usina Assu V, Rafael Caldeira.

As oficinas são ministradas em vários módulos voltados para beneficiários e ouvintes. O valor aportado para esse projeto é da ordem de R\$ 200 mil e faz parte do compromisso social da Usina Solar Assu V com a comunidade onde ela está inserida.

A ENGIE investiu cerca de R\$ 220 milhões na implantação da usina, gerando aproximadamente 400 empregos diretos no pico da obra. Ao todo são 320 mil painéis solares distribuídos numa área de 72 hectares. ●

Matheus Amorim: de *trainee* a executivo da ENGIE



Em 2005, Matheus foi trabalhar em Manaus, na Águas do Amazonas, uma concessionária de água e saneamento da então SUEZ, hoje ENGIE. Foto: Arquivo Pessoal.



No dia 8 de março, o engenheiro de produção Matheus Amorim assumiu o cargo de diretor executivo da ENGIE Brasil Serviços de Energia, empresa do grupo ENGIE que atua na área de eficiência energética e manutenção multitécnica. A trajetória para chegar ao atual cargo não foi fácil para o carioca de 43 anos, nascido no Rio de Janeiro e criado em Florianópolis desde os dez, onde se graduou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Seu primeiro desafio profissional surgiu no ano 2000, quando participou de um rigoroso processo seletivo para *trainee* na então Gerasul, que depois se tornaria Tractebel e ENGIE.

“Fui um dos 1.500 candidatos que se inscreveram para 15 vagas”, recorda. “Dos 15, oito ainda trabalham no grupo, como: Cristina Riggenbach, Patrícia Farrapeira, Giuliano Pasquali, Elio Wolff, Fabiano Araújo, Marcio Daian e Paulo Muller.” Alguns ensinamentos da época de *trainee* acompanham Matheus até hoje. “A parte mais importante de todo o treinamento foi a noção do trabalho em equipe, a certeza que se chega mais longe quando se está junto”, afirma. Na Gerasul/Tractebel, desempenhou funções em duas áreas, primeiro na

Diretoria de Relações com Investidores e depois, a partir de 2001, no Desenvolvimento de Negócios.

Nesse setor, ele se orgulha de ter trabalhado no projeto da Usina Cogeração Lages, desde a concepção até as questões de crédito de carbono, uma inovação na época, já que a planta foi a primeira do grupo no mundo aprovada no Mecanismo de Desenvolvimento Limpo da ONU. “A Usina de Lages, em Santa Catarina, foi um marco pra mim, pois era um projeto difícil, pequeno para os padrões da época e, ao mesmo tempo, inovador”, explica. “Falar de biomassa, lucro presumido, cogeração dentro de uma empresa que sempre trabalhou com projetos de grande porte não foi fácil”.

O engenheiro ficou em Florianópolis até 2004, quando viveu sua primeira experi-

ência profissional fora da cidade. Do Sul para o Norte, ele saiu da então Tractebel Energia, hoje ENGIE, para trabalhar em Manaus na Águas do Amazonas, uma concessionária de água e saneamento que a então SUEZ Ambiental tinha na capital amazonense. Pela primeira vez liderou uma equipe comercial de 150 pessoas, um grande aprendizado e desafio.

TRISTEZA - Ele voltou para o Rio de Janeiro e participou de diversos projetos importantes, como a compra da Hidrelétrica Ponte de Pedra e a construção da Hidrelétrica Jirau, a maior da ENGIE no Brasil. “Nesse projeto vivi um dos meus piores momentos”, relembra. “Quando o Maurício Bähr, CEO da ENGIE, nos comunicou dos incêndios em Jirau, ver tudo destruído e a forma como afetou os resultados do empreendimento foi uma tristeza muito grande”.

Outro momento importante da carreira de Matheus Amorim foi o projeto de Regaseificação em Montevidéu, no Uruguai, sua primeira experiência profissional internacional. Logo depois, em 2016, assumiu o setor de Gás da companhia na América Latina. “Os desafios me movem, gosto de desafios”, diz Matheus. “Sempre recebi suporte da alta administração, que confia no meu trabalho”. Na BU LNG *Liquefied Natural Gas*, por exemplo, ele tinha o papel de identificar e desenvolver oportunidades para vendas de longo prazo de GNL (gás natural liquefeito) em diferentes países da América e se reportar a Paris.

Matheus diz que não tem uma receita sobre como chegar de *trainee* a diretor, mas acredita que gostar do que se faz, se dedicar a isso e acreditar no propósito da companhia são fundamentais. “A nova visão da ENGIE de transformar a relação das pessoas com a energia para um mundo



Em 1999, um ano antes de trabalhar na Gerasul, hoje ENGIE, Matheus fez mochilão pela Europa. Gostou de Paris. Foto: Arquivo Pessoal



Em 2012, com o CEO da ENGIE Brasil, Maurício Bahr, no terminal de regaseificação da Petrobras na Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, na primeira carga de LNG da ENGIE vendida à Petrobras. O gás chegou no navio Provalys, um gigante dos mares, com possibilidade de armazenar e transportar até 150.000 m³ de gás natural liquefeito. Foto: Arquivo Pessoal.



samos melhorar as margens operacionais, tendo como base a lista de clientes com quem já fazemos operação e manutenção de sistemas de ar condicionado e refrigeração e também manutenção multitécnica, através de digitalização”.

O trabalho está somente começando. O momento atual, segundo o engenheiro, é de plantar as sementes para, mais tarde, colher os frutos. “A ENGIE é uma empresa fantástica de se trabalhar, com uma trajetória de sucesso. Não somos perfeitos, obviamente, mas temos uma combinação de capital humano, recursos financeiros e acesso a tecnologias de ponta que nos deixam com uma vantagem competitiva enorme no mercado”. ●

sustentável está totalmente alinhada com os meus valores”, afirma Matheus, que é pai de uma menina de quatro anos e quer deixar um mundo melhor para ela. “Quero que ela viva em uma cidade que tenha uma melhor mobilidade e seja mais segura, fatores hoje que temos muito o que evoluir no Brasil”.

Desafios, experiências e mudanças pela frente

No ano passado Matheus Amorim deixou para trás a área de gás da empresa, onde trabalhava, e assumiu a vice-diretoria executiva da ENGIE Brasil Serviços. Atualmente, acumula o cargo de diretor-executivo e diretor de negócios e faz planos de curto, médio e longo prazo.

“Há muitos desafios pela frente”, afirma. “O mercado de O&M - Operação e Manu-

tenção - de sistemas de ar condicionado e refrigeração e de manutenção multitécnica não é fácil, mas temos experiência em outras unidades de negócios da ENGIE”. Matheus acredita que é preciso oferecer produtos mais estruturados e com maior valor agregado.

Entusiasmado, o engenheiro planeja aumentar a venda de serviços extras. “Temos uma base de clientes bastante extensa e todo o conhecimento das atividades necessário”, diz Matheus, acrescentando que a empresa está montando um time vencedor para esses desafios. “Tenho a mais absoluta convicção que logo colheremos os resultados das mudanças que já estamos fazendo na companhia”.

No curto prazo, seus planos estão ligados às questões de reestruturação da empresa para enfrentar os desafios e as oportunidades que estão batendo à porta. “Preci-

Em 2000, com a primeira turma de *trainee* (no centro de camiseta branca) visitando a hidrelétrica Itá, recém inaugurada na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. Foto: Arquivo Pessoal.





Sergio Nigri, um dos fundadores da ACS. Responsável por toda área comercial e de desenvolvimento de novos produtos. Foto: Guilherme Leporace.

“Fizemos a opção certa”

Um dos fundadores da ACS explica os motivos da decisão de vender a empresa para a ENGIE e fala sobre as oportunidades abertas com o negócio

A necessidade de reduzir a ineficiência e o desperdício de energia gera uma demanda crescente por tecnologias inovadoras. Com foco nesse mercado, a ENGIE adquiriu em janeiro a ACS - Automação, Controles e Sistemas Industriais, empresa brasileira que é referência em serviços de monitoramento e controle do consumo de energia. O negócio está em sintonia com a estratégia do Grupo de investir no desenvolvimento sustentável e reforça a meta de, em dois anos, faturar R\$ 1 bilhão em sua área de serviços no Brasil.

Nesta entrevista, um dos fundadores da ACS, Sergio Nigri, aborda a origem da empresa, seu modelo de negócios e o contexto em que conquistou o reconhecimento dos mais de 600 clientes hoje atendidos no país - entre eles Banco Santander, C&A, Pão de Açúcar, Votorantim e Cinemark. Ele conta também sobre os motivos que levaram à decisão de vender a companhia para a ENGIE.

Graduado em engenharia elétrica e com especialização em administração, o paulistano de 55 anos iniciou sua carreira como estagiário na Eltec - Construções Elétricas,

onde foi efetivado como engenheiro eletrotécnico. Menos de um ano depois, em 1985, optou por deixar o emprego e criar a ACS. Nigri é responsável por toda a área comercial e de desenvolvimento de novos produtos. Com a aquisição, ele dá continuidade a seu trabalho na função de diretor executivo, com a mesma equipe, na sede em São Paulo.

BOAS NOVAS - Em que contexto surgiu a ACS?

Sergio Nigri, fundador da ACS - Tudo começou com uma empresa de fundição de alumínio de médio porte que tinha problemas em sua conta de energia, com frequentes multas de ultrapassagem de demanda. A direção desta empresa decidiu criar uma solução própria e simples para controlar a demanda da sua fábrica. Teve bons resultados e decidiu investir na ideia, contratando um profissional para desenvolver um produto mais avançado e levá-lo a outras empresas.

Com o produto pronto, entendeu-se ser necessária a contratação de um profissional para comercializar e outro para instalar e dar manutenções em campo. Neste mo-

mento, estavam reunidos os futuros três sócios, Alexandre Faragó, Carlos Alberto Rosa e eu, que fundaríamos mais adiante a ACS.

Ao final de 1984, surgiu um forte indicativo de que as contas de energia ficariam muito mais caras para as empresas, diante do surgimento da nova modalidade de tarifação horo-sazonal regulamentada pela Aneel. Essa nova regra penalizaria mais os consumidores do Grupo A, que faziam uso da energia intensiva no horário de ponta. Neste contexto, enxergamos o mercado potencial.

A direção da empresa, sempre focada em seu *core-business*, decidiu não apostar em nossa visão de futuro, o que nos motivou a empreender por conta e risco próprios, abrindo a ACS em 1985. Levamos seis meses para ter o primeiro produto e, rapidamente, ocupamos uma posição de liderança no nosso mercado.

B.N. - Como a ACS se consolidou no mercado?

S.N. - Quinze anos depois, uma luz amarela se acendeu, mostrando que a necessidade

de vender produtos todos os meses poderia dificultar a sobrevivência da empresa. Para nossa felicidade, em torno do ano 2000, a internet se tornou disponível para uso massivo comercial. Tivemos um novo insight: ao invés de vender o produto e o software de gerenciamento, passaríamos a entregar o mais importante, a informação do consumo de energia.

Era uma ideia desafiadora, mas apostamos na internet como o grande alavancador de negócios futuros. Então adotamos o modelo de negócios *SaaS* (Software como Serviço na sigla em inglês). Todos os nossos produtos passaram a ser fornecidos em regime de comodato mediante pagamento mensal dos clientes para ter acesso às suas informações de energia a partir de qualquer computador via internet.

Em 2004, surgiu a disponibilidade de contratação de transmissão de dados através das operadoras de celular, ótimo negócio para as empresas com foco em telemetria. Isto foi um grande propulsor que nos permitiu crescer rapidamente, consolidando a empresa neste mercado. Hoje temos uma carteira de mais de 5 mil sites contratados com grandes indústrias e grandes grupos corporativos varejistas multisites espalhados pelo Brasil.

B.N. - Quais são os principais serviços e tecnologias de eficiência energética que a empresa oferece?

S.N. - Mais de 95% dos nossos clientes têm contratos para monitoração de energia elétrica acessando informações pela nossa plataforma *Follow Energy* e nos pagando com uma taxa mensal fixa que lhes dá o di-

reito não somente ao acesso, mas também a manutenção on-site em qualquer parte do país, ao suporte técnico remoto e a atualização gratuita de *software*.

Também procuramos identificar oportunidades de economia e ofertarmos algum tipo de automatismo, especialmente em

“
Qualquer usuário de energia elétrica que consuma mais de 10 mil kWh mensais ou que gaste algo superior a R\$ 8 mil mensais já pode ser visto como potencial cliente para as nossas soluções.
”

máquinas de ar-condicionado e quadros de iluminação, que possa trazer redução de consumo. Além de reduzir o *pay-back* de implantação do projeto, isso fortalece o nosso vínculo com os clientes.

Alguns clientes vêm demandando serviços complementares de gestão energética, que deveremos aprimorar e intensificar cada vez mais neste nosso novo ciclo de empresa como ENGIE.

Estamos focados não somente em gerir energia elétrica, como também tudo aquilo que for importante para o cliente e possa ser acompanhado em nossa plataforma. Muitos dos nossos contratos contemplam também a monitoração de água, gás, temperatura e nível de reservatórios, entre outros.

Desde o ano passado, decidimos canalizar recursos de desenvolvimento para uma nova linha de sensores e dispositivos de comunicação sem fio com tecnologia sigfox e rádiofrequência (*wireless*). Isso simplifica, agiliza e barateia muito a instalação de nossos projetos e garante maior competitividade no mercado, especialmente para os clientes B2B de pequeno porte.

B.N. - Qual é o perfil da carteira de clientes?

S.N. - Temos uma variedade de clientes muito grande em nossa carteira, seja pelo tamanho, seja pelo ramo de atividade. Isto é muito importante para nosso negócio, que não fica dependente de alguns nichos específicos.

Qualquer usuário de energia elétrica que consuma mais de 10 mil kWh mensais ou que gaste algo superior a R\$ 8 mil mensais já pode ser visto como potencial cliente para as nossas soluções, especialmente aqueles que possuem o ar-condicionado.

O varejo é o setor mais representativo. As instituições bancárias, supermercados, lojas de departamento e redes de entretenimento, juntos, representam quase 50% da nossa carteira.

“
Precisávamos da expertise de uma empresa sólida na nossa área, que pudesse trazer sinergia comercial e nos modelar de forma mais estruturada. Estou convicto de que fizemos a opção certa.
”

B.N. - Que fatores influenciaram na decisão de vender a companhia?

S.N. - Nestes 32 anos como empresários, passamos por situações difíceis como toda empresa neste país, mas sobrevivemos a todas adversidades. Entendo que chegamos até aqui por méritos na nossa gestão, pela nossa constante inovação e por escolhas de estratégias seguras.

Já há alguns anos, gozamos de uma condição financeira muito estável, com geração de caixa positivo através do alto volume de faturamento recorrente mensal e sem a necessidade de obtenção de recursos em bancos para a operação ou investimentos.

Estávamos numa situação confortável e segura para os sócios e colaboradores e seguindo nossa trajetória com uma curva de crescimento adequada, o que não nos obrigava a pensar na venda da empresa.

Porém, nestes últimos dois anos, houve crescente demanda do mercado por soluções de eficiência energética. A vontade do meu ex-sócio de encerrar seu ciclo profissional na empresa e o meu desejo pessoal em continuar à frente de um novo desafio de crescimento foram fatores determinantes que nos fizeram repensar e buscar a venda da companhia.

Precisávamos da *expertise* de uma empresa sólida na nossa área, que pudesse trazer sinergia comercial e nos modelar de uma forma mais estruturada para alterar rapi-

damente a curva do nosso crescimento. Estou convicto de que fizemos a opção certa.

B.N. - Por que a diretoria optou por aceitar a proposta da ENGIE? Que diferenciais da ENGIE influenciaram nesta decisão?

S.N. - Eu estava certo de que precisávamos não de um fundo de investimentos, mas sim de um forte grupo da nossa área que pudesse trazer sinergia ao nosso negócio, aproveitando nossa carteira de clientes e o nosso portfólio de soluções já consolidado no mercado.

O processo de análise foi se afinando e, em novembro, decidimos ficar apenas com dois candidatos estratégicos, considerados pela diretoria ACS como as melhores propostas. Dentre estas empresas, a ENGIE.

Pude entender que o nome ENGIE estava aqui no Brasil ligado à antiga e conhecida Tractebel e, mundialmente, a um nome muito forte nas áreas de geração e eficiência energética.

Também percebi, durante a reta final, as razões pela qual a ENGIE buscava uma empresa como a ACS. Representávamos uma peça importante no projeto da ENGIE Soluções, juntamente com as demais empresas de serviços já existentes no grupo.

O fator decisivo não foi somente o valor da negociação, mas o fato de entendermos do outro lado quem seriam os profissionais com os quais lidaríamos neste novo ciclo e o projeto de crescimento reservado para a ACS.

“
Pudemos enxergar na ENGIE um projeto sólido de integração, profissionais competentes e de bom senso, fáceis de dialogar, focados e dispostos a seguir em uma mesma direção.
”



Sede da ACS, em São Paulo.
Foto: Arquivo ACS



PERFIL DA ACS

A ACS foi fundada em 1985 em São Paulo, por três sócios que perceberam a demanda crescente do mercado por soluções de gerenciamento de energia elétrica. Em pouco mais de três décadas, tornou-se líder no mercado brasileiro em sua área de atuação, com mais de 5 mil sites monitorados no país. Seus clientes abrangem empresas de óleo e gás, química e petroquímica, metalurgia e siderurgia, educação, bancos, redes varejistas, indústrias farmacêuticas, alimentícias e de bebidas, entre outros setores.

Outros focos da ACS são o controle automático de demanda energética; o controle automático de cargas e de banco de capacitores; o monitoramento do uso de água, gás e temperaturas; a provisão e auditoria de contas de energia, e submedições de energia e água, que possibilitam o rateio automático entre consumidores e a análise por centros de custos.

Seu modelo de negócio, baseado no *Software* como Serviço (SaaS), prevê taxas únicas de adesão e implantação – com tickets médios de R\$ 2 mil e R\$ 12 mil, respectivamente – e uma mensalidade média de R\$ 200 durante todo o contrato. Em 2017 a ACS faturou R\$ 22 milhões e registrou *Ebitda* (em inglês, Lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de cerca de 50% desse valor. ●

ENGIE investe em soluções para Cidades do Amanhã e prevê faturamento de R\$ 1 bi



Serpa participou de painel durante o *Smart City Business America*, evento realizado em São Paulo. Foto: Divulgação ENGIE

A ideia é levar o projeto de semáforos inteligentes para mais duas cidades neste ano. “Estamos em discussões e devemos fechar as parcerias em breve”, disse.

A rede de 190 semáforos inteligentes de Niterói é operada remotamente de um centro de controle por meio de um software, o *Livin'*, que foi totalmente desenvolvido pela ENGIE Brasil e é capaz de monitorar várias frentes simultaneamente – câmeras, sensores de velocidade, iluminação, entre outros.

O mesmo *software* é utilizado no Centro de Operação do Rio de Janeiro para controle de tráfego e câmeras de segurança, além do monitoramento de túneis no município do Rio e também em Niterói.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Serpa enfatizou ainda a experiência global da ENGIE em iluminação pública inteligente – que pode abarcar no mesmo poste soluções de monitoramento por câmeras e internet, além do controle remoto das lâmpadas. No mundo, o grupo opera 1,5 milhão de pontos de iluminação.

“Estamos interessados nesse segmento e estudamos entrar em PPP's em algumas cidades, como Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Teresina”, afirmou o diretor da ENGIE.

Também com base na sua expertise internacional, a ENGIE pretende investir em pontos de carregamento de carros elétricos, a medida que esse mercado amadureça no país. “É preciso pensar em mobilidade urbana e carros elétricos sempre de modo integrado ao fornecimento de energia renovável, setor no qual a ENGIE é uma das líderes no mundo e no Brasil”, disse. ●



Um dos focos estratégicos da ENGIE, o segmento de Cidades do Amanhã foi destaque em palestra do diretor de Soluções da companhia, Leonardo Serpa, durante o painel “Debates de CEO's - Criando uma nova visão para Construir Cidades Inteligentes”, no *Smart City Business América*, realizado em abril, em São Paulo.

O executivo ressaltou que as soluções como redes conectadas de iluminação pública inteligente, câmeras de segurança e controle digital do tráfego são importantes instrumentos para fazer frente à crescente urbanização e à concentração da população, que traz grandes desafios para os gestores públicos.

Leonardo destacou que as cidades vão cada vez mais concentrar empresas, negócios e pessoas, o que abre caminho para o investimento em soluções capazes de enfrentar os problemas decorrentes da urbanização.

Segundo Serpa, as cidades representam somente 2% da área do planeta, mas correspondem a 50% da população, 70% do PIB, 70% das emissões de gases e 70% da

geração de resíduos.

Para o diretor da ENGIE, a digitalização das cidades e o investimento “em uma rede neural de iluminação pública”, que integre diversas soluções (câmeras, controle de tráfego), é vital para o desenvolvimento dos municípios.

“O nosso objetivo é dar suporte a uma gestão integrada, conectada, inteligente e eficaz das cidades, com menor consumo de energia, maior fluidez do tráfego e melhor controle de questões de segurança, entre outros itens que tenham impacto positivo na qualidade de vida da população”, disse.

Ao final de sua palestra, Serpa apresentou um vídeo sobre o sistema de semáforos inteligentes de Niterói, que mede o fluxo de veículos por meio de câmeras e determina o tempo de abertura e fechamento dos sinais a cada cruzamento. “Já há uma redução dos congestionamentos na cidade, com reflexo na redução da poluição e das emissões de gás carbônico. Essa é uma alternativa que pode ajudar a resolver o problema de várias cidades do Brasil”, afirmou.

Innovation Day debate inovação social e impactos positivos para o negócio



22nd MAY - 1st JUNE 2018
**ENGIE
INNOVATION WEEK**

Conectada com as novas tendências de mercado, a ENGIE Brasil realizou durante o ENGIE Innovation Day 2018, um amplo debate sobre a inovação social no país, seus impactos positivos nos negócios. Realizado no início de maio, o foco do debate durante o evento girou em torno de cases de sucesso nesse segmento e a experiência da ENGIE nesse campo, promovendo o empreendedorismo social de seus parceiros, com emprego de novas ideias e tecnologias.

Em sua quarta edição, o evento foi marcado ainda pela entrega do Prêmio ENGIE Brasil de Inovação, que escolheu o projeto Enguia Social por sua ação nesse campo, com foco em eficiência energética para famílias de menor renda.

O CEO da ENGIE Brasil, Maurício Bähr, ressaltou, na abertura, o foco da companhia em inovação e tecnologias que visam o emprego maior de energias renováveis, soluções para bem estar da sociedade e segurança, bem como os projetos do grupo para desenvolvimento do empreende-

dorismo e da inovação, voltados para os públicos interno e externo.

O executivo mencionou iniciativas da empresa como o sistema de semáforos inteligentes desenvolvido pela ENGIE em Niterói, o fornecimento de energia ao VLT Carioca e o desenvolvimento de tecnologias nas áreas de geração solar e eólica, além da busca por parceiros para projetos de inovação.

“
Nós da ENGIE acreditamos que todos temos de fazer a nossa parte. Por isso, investimentos em energia limpa, descarbonizando a nossa matriz, e em soluções para Cidades do Amanhã, dentro da nossa visão estratégica de digitalização e descentralização. Para tal, precisamos cada vez mais investir em inovação, em ideias, e o ENGIE Innovation Day cumpre esse papel, premiando projetos com os quais possamos atuar em parceria.”



CEO da ENGIE Brasil, Maurício Bähr, conduziu a abertura do evento valorizando a inovação como estratégia para o crescimento da ENGIE.
Foto: Marcos Gouvea.

Debate



O economista Eduardo Giannetti durante o evento Innovation Day. Foto: Marcos Gouvea.



Debate sobre inovação social envolveu representantes de iniciativas de sucesso no Brasil. Foto: Marcos Gouvea

Antes da apresentação de *cases* de inovação social, o economista Eduardo Giannetti, da USP, fez uma palestra, na qual destacou as transformações da sociedade brasileira, com foco nas mudanças demográficas, e a necessidade de o país se preparar para o fim do chamado “bônus demográfico”, por meio do uso da inovação e da tecnologia a fim de ampliar a base produtiva do país e melhorar a inserção brasileira no comércio global.

“Só vamos deixar a armadilha de sermos um país de renda média se investirmos em exportação de bens e serviços, com investimento em capital humano, inovação, tecnologia. A onda digital veio e transformou setores como hotéis, transporte e outros. É uma importante ferramenta para a inclusão social e o desenvolvimento de política públicas também”, disse.

Na sequência, um painel debateu exemplos de sucesso no campo da inovação social, ou seja, negócios que geram lucro e impacto social positivo.

O diretor de Estratégia, Comunicação e Responsabilidade Social da ENGIE, Gil Maranhão, que participou do painel, ressaltou que a “questão social é muito presente na avaliação de projetos da ENGIE, que busca parceiros para fazer mais do que preveem as contrapartidas das licenças em todos os empreendimentos onde atua, promovendo o desenvolvimento socioeconômico regional, com segurança e respeito ao meio ambiente”.

Durante o debate, foram apresentados *cases* de inovação social em energia, microcrédito, saúde, educação, sempre com uso de tecnologia digital.

Participaram a mediadora Fernanda Borhhausen Sá, fundadora e CEO da Clear Inovação, idealizadora do Social Good Brasil; Tomás de Lara, Colider Cidades+B, cofundador e co-chair do Colaboramerica; Maure Pessanha, co-emprededora da Artemisa; Daniel Izzo, Co-fundador e CEO da Vox Capital.

Além desses, dois convidados - Hamilton Henrique, fundador do Saladorama e Axel Grael, presidente do Instituto Rumo Náutico - contaram suas experiências em projetos com cunho social.

Patrocinado pela ENGIE, o Rumo Náutico, por exemplo, tem foco na capacitação de jovens para trabalhar na construção e manutenção de embarcações esportivas, além de promover esportes com vela.

Innovation Day premia projeto de inovação social



O encerramento do ENGIE *Innovation Day* 2018 contou com a premiação do projeto vencedor, Enguia Social, uma *spinoff* da Casa do Futuro idealizada por Rosana Corrêa e sua equipe. Voltada para a população de baixa renda, a empresa utiliza plataformas digitais para mensurar e propor soluções que reduzam o consumo das moradias, fazendo com que as pessoas atendidas tenham mais consciência no campo de eficiência energética.

A disputa foi acirrada, já que os três finalistas atendiam vários dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS), critério principal de elegibilidade para o projeto vencedor. O Projeto HomeCarbon, por exemplo, liderado por Rodrigo Lagrega, era voltado para eficiência energética, visando as comunidades, com o objetivo principal de promover o

feedback em tempo real ao consumidor, levando em conta o desejo do consumo em contraposição à condição de pagamento. Já o Projeto PW, de Rodrigo Ferreira, se destacou por ser uma *startup* que desenvolve hidroabsorventes biodegradáveis capazes de reter, absorver e dissipar água na raiz da planta, transformando, desse modo, tecnologias agrícolas inovadoras em produtos que possam alavancar o plantio e alimentar milhões de pessoas.

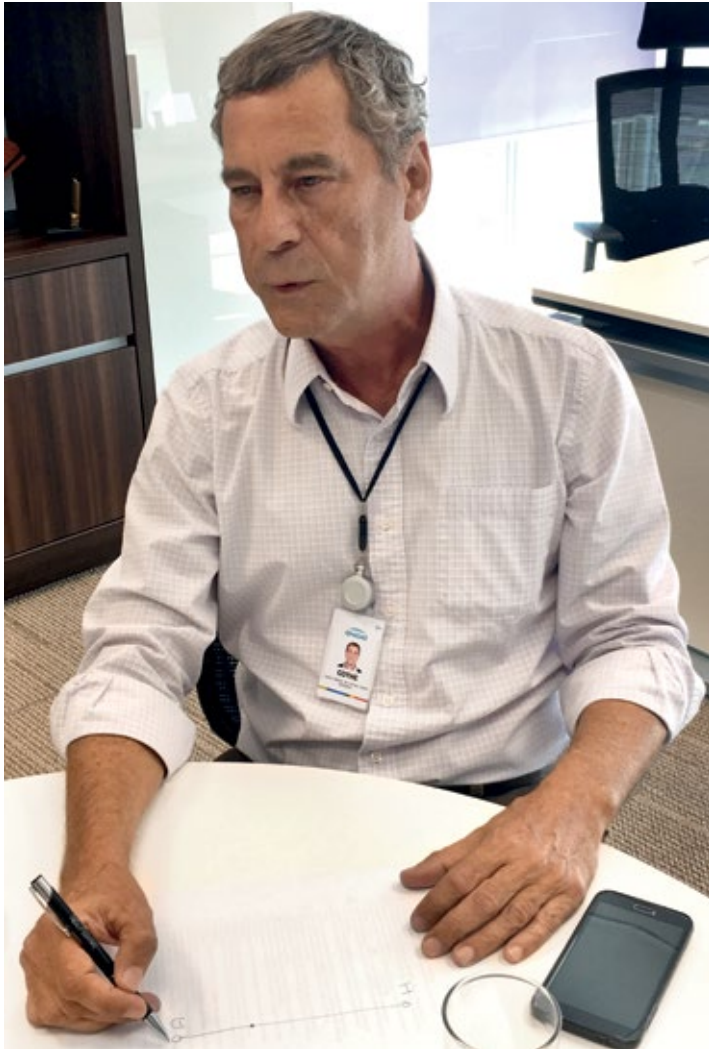
Todas as iniciativas se encaixaram nos requisitos do prêmio: ser um projeto de inovação social, com impacto positivo para a sociedade e retorno para os empreendedores. Entre as características que também faziam os três estarem dentro dos critérios dos ODS estavam, por exemplo: garantir o acesso de todos a serviços energéticos confiáveis, sustentáveis e modernos a um

Ao lado de Maurício Bähr e Gabriel Mann dos Santos, os vencedores do ENGIE *Innovation Day* 2018.
Foto: Marcos Gouveia

custo acessível; promover a saúde e o bem-estar da população, independente de faixa etária; e estabelecer padrões sustentáveis de consumo e produção.

O CEO da ENGIE Brasil, Maurício Bähr, encerrou o evento agradecendo a todos que fizeram o *Innovation Day* 2018 um sucesso e agradeceu aos projetos inscritos. “Nos dias de hoje, a inovação é uma ferramenta muito importante e propulsora para um novo amanhã”, disse. ●

ENGIE fortalece a inovação



Carlos Gothe. Foto: Duda Hamilton.

tudo inclui a análise quantitativa de 50 indicadores de prática e desempenho, além de uma análise qualitativa sobre vantagens competitivas, barreiras, percepções, ambiente e cultura corporativa. Seus resultados estão a orientar um plano com ações de curto, médio e longo prazo.

“A Visão 2030 nos mostra aonde queremos chegar, o diagnóstico mostra o estágio atual das empresas ENGIE no Brasil quanto à gestão da inovação, e o Plano de Ação deve traçar o caminho do estágio atual até onde queremos chegar”, explica o gerente de Inovação e Novos Negócios Carlos Gothe. “Definimos que a inovação incremental e a adjacente – focadas em mercados já existentes e complementares – ficam com as OpCos (empresas operacionais), enquanto a inovação transformacional, ou disruptiva, fica a cargo do ENGIE Lab”, informa o executivo.

ENGIE Lab

A Companhia decidiu instalar no Brasil um laboratório para projetos de inovação aberta que se soma aos já existentes na França, Bélgica, Cingapura, China, México, Chile e Emirados Árabes Unidos (EAU). Com inauguração prevista para o segundo semestre de 2018, em Florianópolis, o ENGIE Lab Brasil irá atuar, de forma coordenada com os demais Labs do Grupo, em três vertentes de trabalho: parcerias de Pesquisa e Desenvolvimento com instituições aprovadas pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), projetos desenvolvidos pela própria ENGIE e inovação aberta, através da incubação e aceleração de *startups* e *hackatons* (maratonas públicas de *hackers*).

O ENGIE Lab foi viabilizado com apoio da Apex-Brasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos), órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores que atua para facilitar a atração de investimentos estrangeiros diretos. “Pedimos duas propostas de incentivo nas hipóteses de o laboratório ficar no Rio de Janeiro ou em Florianópolis”, conta o Gothe. “No fim de 2016, uma lei cancelou todos os incentivos fiscais no estado do Rio de

A ENGIE tem realizado diversas iniciativas para se transformar numa referência global em inovação e sustentabilidade, como apontam as diretrizes de sua Visão 2030. Nesse contexto o Brasil tem papel-chave, por sua biodiversidade e vocação para gerar energia com fontes renováveis. A Companhia tem investido para reorganizar a gestão da inovação na Unidade de Negócios (BU) brasileira. Um passo importante foi dado em março, quando ficou pronto o Mapeamento Estratégico da Inovação. Outra novidade será a inauguração, ainda este ano, de um ENGIE Lab no país.

Realizado pelo IEL/SC (Instituto Euvaldo Lodi de Santa Catarina), o diagnóstico avaliou o nível de maturidade das empresas do Grupo e do Centro Corporativo para ideias e projetos inovadores. O es-



Janeiro, o que deixou a proposta catarinense francamente mais favorável”.

Instalado na capital catarinense, o ENGIE Lab terá a parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, entre outras atividades, colocará mestrandos e doutorandos à disposição, recebendo em contrapartida professores franceses para ministrar cursos de extensão. O ENGIE Lab Brasil estará focado nas áreas de energia solar e eólica, cidades inteligentes, biogás e hidrogênio, e desenvolverá projetos em todo o Brasil. Um exemplo é a pesquisa sobre hidrogênio natural na Bacia do Rio São Francisco, junto com o ENGIE Lab Crigen, da França, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a empresa de consultoria GEO4U.

Diagnóstico

No Mapeamento Estratégico da Inovação, a ENGIE Solar Geração Distribuída obteve a melhor pontuação quanto a processos internos de inovação: 65%. No indicador Desenvolvimento sustentável da empresa e da sociedade, o destaque ficou com a ENGIE Brasil Energia, com 57,8%. O Centro Corporativo lidera em Gestão do conhecimento, da melhoria e da mudança, empatando com a ENGIE Brasil Energia e com a ENGIE Solar na perspectiva do aprendizado e crescimento.

Entre as vantagens competitivas da ENGIE Brasil identificadas pelo estudo estão a excelência do desempenho operacional, a reputação da marca, o portfólio diversificado, a capacidade de investimento, o orgulho das pessoas em fazer parte da organização e a sustentabilidade nas dimensões econômico-financeira, ambiental e social. As barreiras a superar rumo à inovação incluem a sobrecarga de trabalho, a limitação de orçamento específico e a rigidez organizacional.

Recomendações

O diagnóstico recomendou estruturar, em cada OpCo, uma governança para a inovação com papéis e responsabilidades definidos nas áreas estratégica, tática e operacional. Cinco gerentes com

atribuições de inovação já estão nomeados: Alexandre Zucarato, na ENGIE Brasil Energia; Arthur Baião e Cruz, na ENGIE Brasil Serviços de Energia; Leonardo Mattos, na ENGIE Brasil Serviços Integrados; Carlos Ribeiro, na ENGIE Solar Geração Distribuída, e Sami Shamali, na recém-adquirida ACS (Automação, Controles e Sistemas Industriais).

Outra recomendação importante é que as lideranças deem mais espaço e liberdade aos colaboradores para “pensar o novo”, encarando possíveis insucessos em projetos como oportunidades de aprendizado. Será lançado um programa de treinamento em conceitos como criatividade, design thinking e geração de ideias para capacitar os envolvidos. Cresce a importância da aprendizagem de mão dupla, na qual o negócio emergente se utiliza de competências e recursos do negócio tradicional e este se adapta a partir de modelos mais ágeis, colaborativos e transparentes.

O aperfeiçoamento das métricas também está no radar. A ideia é permitir o monitoramento do sistema de inovação a partir de indicadores de desempenho e metas desafiadoras, como percentual de faturamento investido em pesquisa, desenvolvimento e inovação, percentual de ideias geradas e aprovadas, projetos cancelados e em atraso, número de produtos lançados e retorno sobre os investimentos em inovação, entre outros.

A área de inteligência e informações é vital para qualquer organização que queira se tornar mais inovadora. Entre as ações sugeridas estão o monitoramento e compartilhamento sistemático de tendências de mercado, tais como produtos e serviços novos e de concorrentes, *benchmarks*, preços, formas de comercialização, canais e distribuição. Também é fundamental mapear parceiros com recursos ou competências apropriados para projetos específicos, como universidades, centros de pesquisa e startups. ●

Pesquisa mostra satisfação dos clientes ENGIE



Os clientes estão muito satisfeitos com os produtos e serviços ofertados pela ENGIE. É o que mostra a pesquisa realizada pela Carvalho e Mello Consultores nas diferentes linhas de negócios do grupo no Brasil – Comercialização de Energia, *Facility Management*, Eficiência Energética, Soluções Integradas e Geração Solar Distribuída.

“O principal ponto positivo da pesquisa foi a satisfação dos clientes para todas as linhas de negócios, superando as expectativas e acima da média de outras Unidades de Negócios da ENGIE no mundo”, afirma o diretor de comercialização e inovação da

ENGIE, Gabriel Mann dos Santos. A pesquisa serve também para melhorar algumas ações, como estreitar relações com clientes e melhorar os canais de atendimento. “O fato de termos um bom resultado não significa que não tenhamos pontos para melhorar e é justamente neles que focaremos nossas ações”, complementa o diretor.

“Vamos reforçar os canais de relacionamento com clientes e estamos implantando o software CRM, já em funcionamento em algumas unidades e em introdução nas demais”, relata o gerente de soluções para empresas, Maury Garret da Silva. Segundo ele, o CRM é o coração da nova estrutura comercial, cada vez mais digitalizada e

próxima ao cliente. “Buscamos a integração do time comercial e melhorias para atender os clientes”, acrescenta. Um bom exemplo desse esforço foi a realização nos meses de março e abril do 1º Programa de Desenvolvimento Comercial da ENGIE Brasil, reunindo 70 profissionais da área comercial de diferentes linhas de negócios. Até 2014 a pesquisa era realizada apenas com os clientes de energia. “A partir do ano passado achamos necessário aplicar a pesquisa em todas as nossas linhas de negócio, observa o executivo Gabriel Mann. ●

ALGUNS PONTOS DA PESQUISA

- 99,4% dos 116 entrevistados afirmaram que a **ENGIE Brasil Energia** é uma empresa que atua com ética, além de ser sólida e confiável, e 90,2% estão satisfeitos. A pesquisa indicou também onde a empresa deve melhorar: na frequência do contato entre funcionários e clientes.
- 100% dos clientes que responderam a pesquisa da **ENGIE Brasil Soluções Integradas** enxergam a empresa como inovadora e comprometida com o negócio do cliente. Um ponto a superar é a flexibilidade para resolver alguns problemas, como faturamento, por exemplo. Dos clientes ouvidos, 91,3% estão satisfeitos com o atendimento da empresa.
- Na **ENGIE Geração Solar Distribuída** o ponto alto indicado pelos entrevistados foi o conhecimento técnico demonstrado pelo profissional de atendimento (93,3%). A agilidade no envio da proposta também foi apontada como positiva (90,6%). Os clientes mostraram que a empresa precisa melhorar na variedade de canais disponíveis de comunicação.
- A ética foi ressaltada por 96,6% dos entrevistados, que destacam a atuação ética da **ENGIE Brasil Serviços de Energia**. O índice de satisfação com o atendimento é de 78,4%.



Quando há liberdade de escolha, o mercado seleciona os melhores.

ENGIE, líder no Mercado Livre de Energia.

Além de ser a maior geradora privada de energia do país, a ENGIE é líder no fornecimento ao Mercado Livre de Energia. Confiável, sólida e sustentável, é uma garantia de entrega, flexibilidade de negociação e customização para as necessidades de cada cliente. Aproveite todas essas vantagens. Contate nossa equipe e receba toda orientação para a sua empresa migrar para o Mercado Livre de Energia.

Saiba mais em www.engie.com.br
e no blog www.minhaenergialivre.com.br

